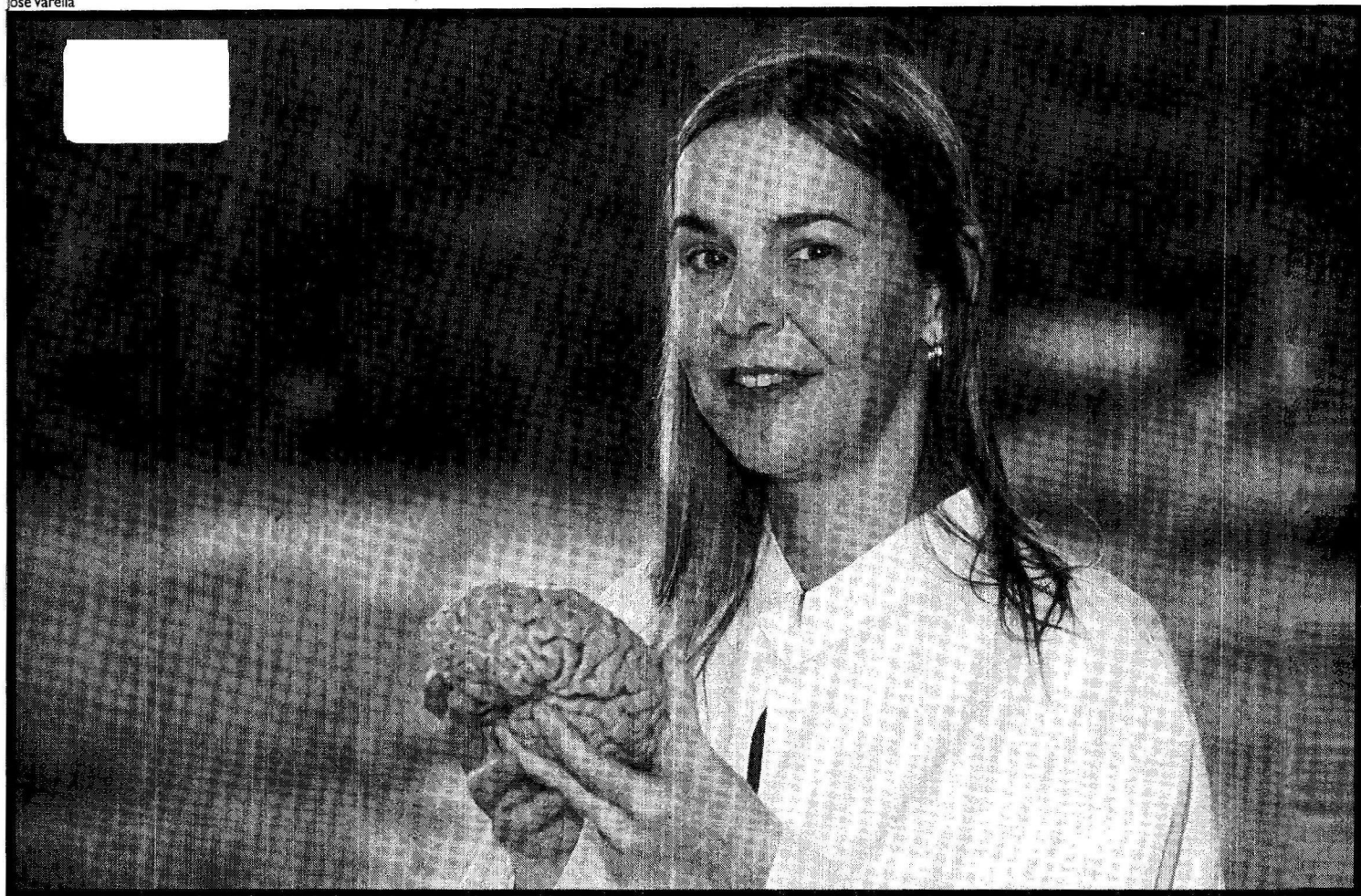


Descoberta de neuropsicóloga brasileira da rede Sarah permitirá a recuperação mais rápida de pessoas com lesões cerebrais

José Varella



LÚCIA WILLADINO BRAGA, DO REDE SARAH, DESCOBRIU QUE ANALFABETOS E ALFABETIZADOS USAM PARTES DIFERENTES DO CÉREBRO

Cérebros diferentes

Valesca Riviéri

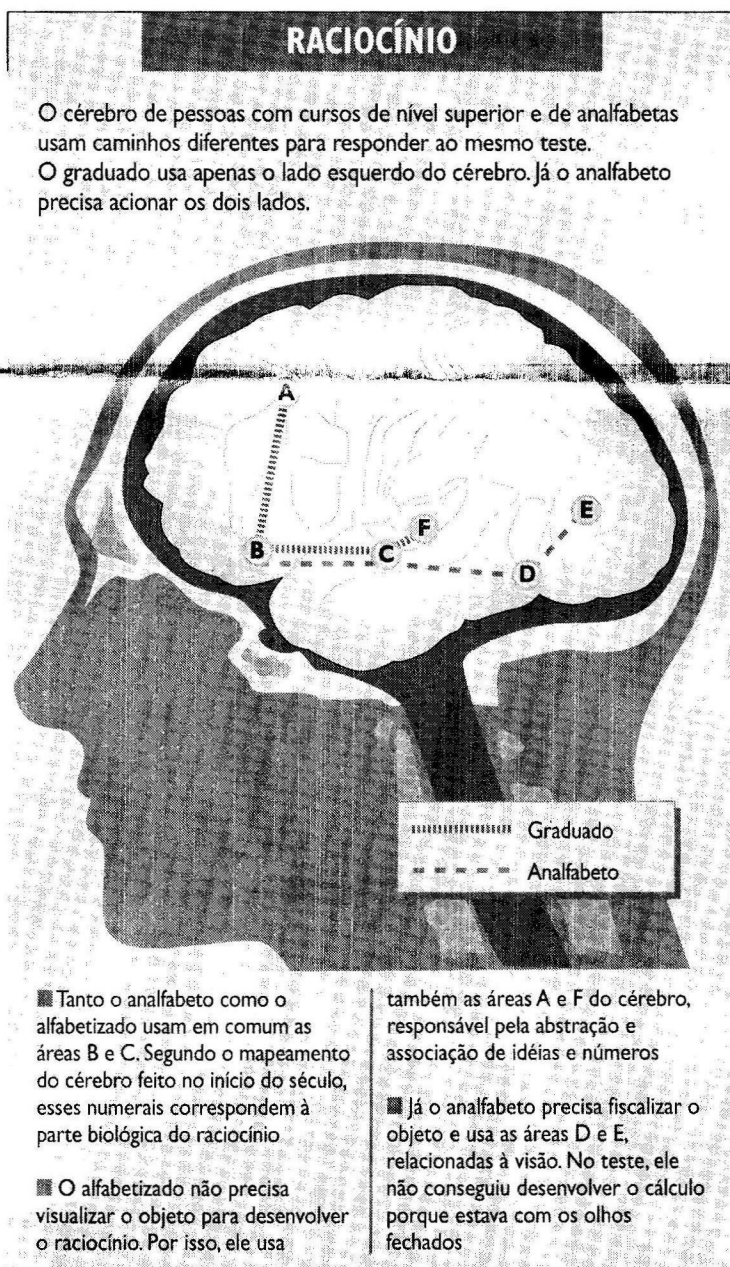
Da equipe do *Correio*

A cultura e a escolaridade não influenciam só a posição no mercado de trabalho e o estilo de vida, mas também são responsáveis pelo funcionamento diferenciado do cérebro. A descoberta da neuropsicóloga brasileira Lúcia Willadino Braga é inédita e pode mudar os rumos do tratamento de recuperação de vítimas de lesões cerebrais.

No período de abril a julho deste ano, Lúcia fez uma bateria de testes com 30 pessoas com nível superior e 19 analfabetos, no hospital Sarah de Brasília. A neuropsicóloga descobriu que o cérebro dos analfabetos e de pessoas com melhor nível cultural usam caminhos diferentes para chegar ao mesmo resultado. No campo médico essa pesquisa permitirá, no futuro, tratar um paciente com lesão cerebral de acordo com a sua realidade, tornando mais rápida e eficaz a sua recuperação.

O estudo foi apresentado na *Conferência do Ano 2000 sobre Lesão Cerebral*, realizada na semana passada no hospital Sarah de Brasília. Durante quatro dias, 200 pesquisadores do mundo inteiro especialistas discutiram as recentes descobertas sobre o funcionamento do cérebro, as lesões e os novos tratamentos.

Gérard Deloche, neuropsicólogo francês que também desenvolve pesquisa com pessoas vítimas de lesões cerebrais, ficou fascinado com as descobertas de Lúcia Willadino Braga, diretora executiva da Rede Sarah e representante do Brasil na Comunidade Européia de Neuropsicologia, “O maior impacto é mostrar



que os seres humanos não são simplesmente determinados pela química, mas pelas influências sociais e educacionais. Isso prova que todos devem ter melhores condições de vida”, diz o especialista francês.

Desde o início do século, o cérebro foi mapeado de forma global, pelo método de Brodmann. ou seja: descobriu-se qual parte do cérebro era ativada para exercer cada função: ouvir, falar, movimentar, entre outras funções do corpo. Mas estudar como cada indivíduo usa o cérebro só foi possível com a invenção da ressonância magnética funcional.

Com esse exame, o pesquisador consegue ver qual a parte do

cérebro é ativada para cada tipo de raciocínio. Isso porque no momento do raciocínio, a hemoglobina — pigmento do sangue responsável pelo transporte e fixação do oxigênio —, ilumina a região ativada, como se pipocassem pequenos fogos de artifício. As partes iluminadas são os átomos de hidrogênio que compõem a hemoglobina captados pelo equipamento.

A evolução dos equipamentos foi fundamental para esse grande passo da medicina. O equipamento anterior, a ressonância magnética convencional, só permitia visualizar a anatomia do cérebro e as possíveis anomalias na forma. O hospital Sa-

rah de Brasília foi o primeiro da América Latina a usar o novo equipamento para fazer pesquisa científica.

RACIOCÍNIO VISUAL

Nos testes de julgamentos de questões e nos cálculos, a pesquisa mostrou que as pessoas alfabetizadas ativavam apenas a parte esquerda do cérebro, tida como área dominante da abstração, no caso de pessoas destras. Já o analfabeto usa os dois lados do cérebro. “Com os olhos fechados dentro do aparelho de ressonância, ele não pode visualizar e responder as questões”, conta a pesquisadora. Lúcia faz questão de ressaltar que a conclusão não leva a crer que o alfabetizado pensa melhor que o analfabeto ou vice-versa, mas que existem dois caminhos diferentes para resolver o mesmo problema.

Se o cérebro trabalha de forma distinta, a conclusão óbvia é de que pacientes vítimas de lesão cerebral podem ter um tratamento diferenciado com estimulação do cérebro de acordo com sua utilização. Com o mapeamento será possível tratar os pacientes com base em sua capacidade de raciocínio e a reabilitação poderá ser mais rápida e eficiente.

A neuropsicologia trabalha com a reabilitação das funções da consciência, como fala, planejamento, cálculo, leitura. E na medida que conhece como funciona a forma de pensamento de cada pessoa, pode fazer um trabalho personificado.

O primeiro a tentar mapear as funções cerebrais com as novas tecnologias foi Alexandre Castro Caldas, professor de neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, em Portugal. Ao invés do cálculo, ele usou em 1998 o equipamento *PET Scan*, que permite visualizar quais as partes do cérebro que estão sendo ativadas no momento da fala. Como na pesquisa anterior, ele descobriu durante os testes que o cérebro de alfabetizados e analfabetos têm comportamentos diferentes. O próximo passo do pesquisador é analisar o cérebro de pessoas que são alfabetizadas na fase adulta.